



Boletim Nº 1 Bulletin Nr. 1

Abril/April, 2009

C
E
Z
I
R
O
D
E
I
F
O
R
M
A
T
I
Z
O
C
E
Z
I
R
E
M
A
C
A
O



K R I S H N A M U R T I

Maia



Uma Vista de Olhos ao Mundo de Hoje Taking a Glance at the World Today

O que é o Mundo hoje em dia? What is the world nowadays?

Onde quer que vamos, para onde quer que olhemos, o mundo é um imenso poço de irracionalidade, de violência, de violação e perversão do viver natural e criativo.

Basta ver as notícias na TV ou ler um jornal ou uma revista e tudo o que se destaca é anti-natural, é uma agressão constante à vida no seu mais amplo e lato sentido! As armas materializam a violência e os instintos mais primitivos do homem; o ludíbrio, a mentira e a corrupção são cada vez mais considerados como necessários e até como legítimos para a sobrevivência nesta Terra caótica! Enquanto milhares morrem de fome a cada segundo que passa, a grande maioria das pessoas dedica-se ao consumismo exacerbado e ao culto de uma vida fútil recheada de coisas e atitudes que são um verdadeiro atentado à condição humana! Até as crianças são educadas para acreditar que a competição, a luta, a conquista, são nobres virtudes a cultivar cegamente!



Até as crianças são educadas para acreditar que a competição, a luta, a conquista, são nobres virtudes a cultivar cegamente!

E esta imensa desordem, este caos crescente, chega por vezes a atingir o apogeu do ridículo com requintes de crueldade e de indiferença: enquanto uns morrem de fome, outros participam em concursos para ver quem come mais empadas ou mais hambúrgueres e consegue entrar para o Guinness; enquanto uns dormem na rua, num qualquer miserável e sujo rincão, com mantas de jornais, outros, de nariz empinado e atitudes cabotinas, fazem questão de alardear a sua

superioridade só porque vivem em luxuosos condomínios fechados!



Socialmente, as convulsões fazem-se sentir cada vez mais e é cada vez maior o fosso entre aqueles que tudo têm e aqueles que mal conseguem sobreviver; economicamente, os ricos são cada vez mais ricos e os pobres aumentam de número em todos os cantos do mundo; politicamente, os lobbies, a corrupção e os interesses de uma pequena minoria avançam, implacáveis e imparáveis, sobre um mundo cego, sobre um mundo amedrontado e todavia crédulo na poderosa e destrutiva máquina política!

E no dia-a-dia, sujeito a toda esta pressão, vergado sob o peso esmagador de uma estrutura social, política e económica perigosamente doentia e degradante, o homem vai ficando reduzido a um ser amorfo de actividade programada e controlada.

Queremos viver num mundo assim? Queremos ser autómatos, marionetes cujos fios são inexoravelmente controlados por mãos alheias? Ou queremos olhar à nossa volta, olhar para dentro de nós e tomar verdadeira consciência da Vida no seu todo?

I.G.

**Centro de Informação Krishnamurti
Maia**



Wherever we go, wherever we look, the world is an immense pit of irrationality, violence, a world of violation and perversion of natural and creative living.

All we have to do is watching the news or reading a newspaper or a magazine and everything that stands out is unnatural, a constant aggression to life in its most extensive and vast sense! Weapons materialize violence and the most primal instincts of man; deceit, falsehood and corruption are more and more regarded as necessary and even as legitimate for survival in this chaotic Earth! While thousands die of starvation at each second that goes by, the majority of people devote themselves to exacerbated consumption and to a futile life stuffed of things and attitudes which are a real outrage to human condition! Even children are brought up to believe that competition, struggle, and conquest are noble virtues to be blindly cultivated!

And this immense disorder, this increasing chaos, sometimes reaches the height of absurdity with a refinement of indifference and cruelty: while some



starve to death, others take part in pie or hamburger eating contests aiming at having their names in the Guinness;

while some sleep on the streets, in some miserable dirty corner, wrapped in newspapers as if it were a blanket, others, keeping their noses upright and with ham actor attitudes, insist on showing off their

superiority just because they live in some luxurious private housing!



Socially, upheavals take place everyday

and the gap between those who have everything and those who barely manage to survive is getting bigger and bigger; economically, the rich are getting richer and the poor increase in number in the four corners of the earth; politically, lobbies, corruption and the vested interests of a small minority keep advancing, pitiless and unstoppable, upon a blind, frightened world which still very easily believes in the powerful and destructive political machine!

And in everyday life, subjected to all that pressure, bent down by the crushing weight of a social, political and economical structure dangerously unhealthy and degrading, man is being reduced to an amorphous being with programmed and controlled activity.

Do we want to live in such a world? Do we want to be automatons, puppets whose strings are inexorably pulled by alien hands? Or do we want to look about us, to look inside us and become really aware of Life in its entirety?

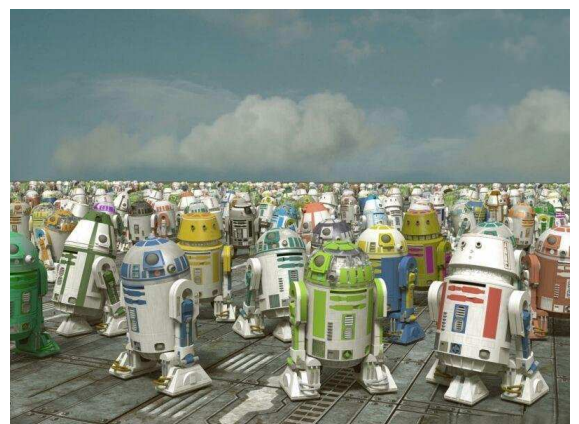
I.G.

**Krishnamurti Information Centre
Maia**



Queremos viver num mundo assim?
Queremos ser autómatos, marionetes cujos fios são inexoravelmente controlados por mãos alheias?
Ou queremos olhar à nossa volta, olhar para dentro de nós e tomar verdadeira consciência da Vida no seu todo?

Do we want to live in such a world?
Do we want to be automatons, puppets whose strings are inexorably pulled by alien hands?
Or do we want to look about us, to look inside us and become really aware of Life in its entirety?





COMO VIVER NESTE MUNDO

Interrogador: Por favor, senhor, poderia dizer-me como hei-de viver neste mundo? Não quero fazer parte dele contudo tenho que viver nele, tenho que ter uma casa e ganhar a vida. E os meus semelhantes são deste mundo; os meus filhos brincam com os deles, e portanto uma pessoa torna-se parte desta desordem, quer se queira quer não. Quero descobrir como viver neste mundo sem fugir dele, sem ir para um mosteiro ou dar a volta ao mundo num barco à vela. Quero educar os meus filhos de uma maneira diferente, mas primeiro quero saber como viver rodeado por tanta violência, ganância, hipocrisia, competição e brutalidade.

Krishnamurti: Não façamos disso um problema. Quando alguma coisa se torna um problema ficamos presos na solução dele, e então o problema torna-se uma gaiola, uma barreira à exploração e compreensão ulteriores. Portanto não reduzamos a vida toda a um vasto e complexo problema. Se a questão é colocada para vencer a sociedade em que vivemos, ou para encontrar um substituto para essa sociedade, ou para tentar fugir dela embora vivendo nela, isso inevitavelmente tem que conduzir a uma vida contraditória e hipócrita. Esta pergunta também implica a completa rejeição da ideologia, não é verdade? Se está realmente a indagar não pode começar com uma conclusão, e todas as ideologias são uma conclusão. Portanto temos que começar por descobrir o que quer dizer com viver.

Interrogador: Por favor, senhor, vamos passo a passo.

Krishnamurti: Fico muito contente que possamos investigar isto passo a passo, pacientemente, com uma mente e um coração inquiridores. Ora o que é que quer dizer com viver?

Interrogador: Nunca tentei pô-lo em palavras. Estou desorientado, não sei o que fazer, como viver. Perdi a fé em tudo – religiões, filosofias e utopias políticas. Há guerra entre os indivíduos e entre nações. Nesta sociedade permissiva tudo é permitido – massacre, tumultos, a opressão cínica de um país por outro, e ninguém faz nada acerca disso porque a

interferência poderia significar uma guerra mundial. Sou confrontado com tudo isto e não sei o que fazer; não sei de todo como viver. Não quero viver no meio de semelhante confusão.

Krishnamurti: O que é que está a pedir – uma vida diferente, ou uma nova vida que acontece com a compreensão da antiga? Se quer viver uma vida diferente sem compreender o que provocou esta confusão, estará sempre em contradição, em conflito, em confusão. E isso evidentemente não é de todo uma nova vida. Está portanto a pedir uma nova vida ou uma continuidade modificada da antiga, ou está a pedir para compreender a antiga?

Interrogador: Não tenho de todo a certeza do que quero mas começo a ver o que não quero.

Krishnamurti: O que não quer está baseado na sua livre compreensão ou no seu prazer e dor? Está a julgar a partir da sua revolta, ou vê a causação deste conflito e infelicidade, e, porque o vê, rejeita-o?

Interrogador: Está a perguntar-me demasiadas coisas. Tudo o que sei é que quero viver um tipo de vida diferente. Não sei o que isso quer dizer; não sei porque a busco; e, tal como disse, estou completamente desorientado com tudo.

Krishnamurti: A sua pergunta básica é como há-de viver neste mundo, não é verdade? Antes de descobrir veja primeiro o que é este mundo. O mundo não é só tudo o que nos rodeia, é também a nossa relação com todas estas coisas e pessoas, com nós próprios, com as ideias. Isto é, a nossa relação com os bens, as pessoas, os conceitos – de facto a nossa relação com a corrente de acontecimentos a que chamamos vida. É isto o mundo. Vemos divisão



em nacionalidades, em religiões, em grupos económicos, políticos, sociais e étnicos; o mundo inteiro está dividido e está tão fragmentado exteriormente como o estão os seres humanos interiormente. De facto, esta fragmentação externa

é a manifestação da divisão interna dos seres humanos.

Interrogador: Sim, vejo esta fragmentação muito claramente, e começo também a ver que o ser humano é responsável.

Krishnamurti: Você é o ser humano!

Interrogador: Então posso viver de uma maneira diferente do que eu próprio sou? Estou subitamente a aperceber-me de que se pretender viver de uma maneira totalmente diferente tem que haver em mim um novo nascimento, uma mente e um coração novos, olhos novos. E apercebo-me também que isto não aconteceu. Vivo da maneira que sou, e a maneira que sou fez da vida o que ela é. Mas para onde vamos a partir daí?

Krishnamurti: A partir daí não vai a lado nenhum! Não existe nenhum ir a algum lado. O ir, ou o procurar o ideal, aquilo que achamos que é melhor, confere-nos um sentimento de que estamos a progredir, de que estamos a avançar em direcção a um mundo melhor. Mas este movimento não é de todo um movimento porque o objectivo foi projectado a partir da nossa infelicidade, da nossa confusão, ganância e inveja. Portanto este objectivo, que se supõe ser o oposto de *o que é*, é na realidade o mesmo que *o que é*, é engendrado por *o que é*. Por conseguinte cria o conflito entre *o que é* e o que deveria ser. É aqui que surge a nossa confusão e conflito básicos. O objectivo não está ali, não no outro lado do muro; o princípio e o fim estão aqui.

Interrogador: Um momento, senhor, por favor; não compreendo nada disto. Está a dizer-me que o ideal do que deveria ser é o resultado de não compreender *o que é*? Está a dizer-me que o que deveria ser é *o que é*, e que este movimento de *o que é* para o que deveria ser não é na realidade movimento nenhum?

Krishnamurti: É uma ideia; é ficção. Se compreende *o que é*, que necessidade há do que deveria ser?



Interrogador: É assim? Eu compreendo *o que é*. Compreendo a brutalidade da guerra, o horror da matança, e porque o compreendo tenho este ideal

de não matar. O ideal nasce da minha compreensão de *o que é*, por conseguinte não é uma fuga.

Krishnamurti: Se compreende que matar é terrível, tem que ter um ideal para não matar? Talvez não estejamos esclarecidos quanto à palavra compreensão. Quando dizemos que compreendemos alguma coisa, nisso está implícito que aprendemos tudo acerca dela, não é verdade? Explorámo-la e descobrimos a verdade ou a falsidade dela. Isto também implica que esta compreensão não é um assunto intelectual, mas que a sentimos profundamente no nosso coração, não é verdade? Só há compreensão quando a mente e o coração estão em perfeita harmonia. Então dizemos “compreendi isto e acabei com isto”, e isso já não tem força para gerar mais conflito. Atribuímos ambos o mesmo significado à palavra compreender?

Interrogador: Não o fiz antes, mas agora vejo que aquilo que diz é verdadeiro. Contudo honestamente não compreendi, dessa maneira, a desordem total do mundo, a qual, tal como tão correctamente salientou, é a minha própria desordem. Como é que posso compreendê-la? Como é que posso aprender completamente acerca da desordem, da desordem e da confusão totais do mundo, e de mim próprio?

Krishnamurti: Não use a palavra como, por favor.

Interrogador: Porque não?

Krishnamurti: O como implica que alguém lhe vai dar um método, uma receita, o qual, se o praticar, produzirá compreensão. Pode a compreensão alguma vez suceder através de um método? Compreensão significa amor e equilíbrio da mente. E o amor não pode ser praticado ou ensinado. O equilíbrio da mente só pode acontecer quando há uma percepção clara, quando se vêem as coisas como elas são sem emoção, não sentimentalmente. Nenhuma destas duas coisas pode ser ensinada por outro, nem por um sistema inventado por si ou por outro.

Interrogador: É demasiado persuasivo, senhor, ou será que é demasiado lógico? Está a tentar influenciar-me para ver as coisas como o senhor as vê?

Krishnamurti: Deus não permita! A influência sob qualquer forma é destrutiva do amor. A propaganda para tornar a mente sensível, alerta, só a tornará embotada e insensível. Portanto não estamos de maneira nenhuma a tentar influenciá-lo ou persuadi-lo, ou a fazê-lo depender. Estamos apenas a fazer

notar, a explorar juntos. E para explorarmos juntos tem que estar livre, tanto de mim como dos seus próprios preconceitos e medos. Caso contrário andará muitas vezes em volta, em círculos. Portanto temos que voltar à nossa pergunta original: como é que hei-de viver neste mundo? Para viver neste mundo temos que rejeitar o mundo. Com isso queremos dizer: rejeitar o ideal, a guerra, a fragmentação, a competição, a inveja, etc. Não nos referimos a rejeitar o mundo como um estudante que se revolta contra os seus pais. Referimo-nos a rejeitá-lo porque o compreendemos. Esta compreensão é negação.

Interrogador: Estou como um peixe fora da água.

Krishnamurti: Disse que não quer viver na confusão, na desonestidade e na fealdade deste mundo. Portanto rejeita-o. Mas a partir de que background é que o rejeita, porque é que o rejeita? Rejeita-o porque quer viver uma vida pacífica, uma vida de completa segurança e clausura, ou rejeita-o porque vê o que ele realmente é?

Interrogador: Penso que o rejeito porque vejo o que acontece à minha volta. Claro que os meus preconceitos e o medo estão envolvidos. Portanto é uma mistura do que efectivamente acontece e a minha própria ansiedade.

Krishnamurti: Qual é que predomina, a sua ansiedade ou o verdadeiro ver do que está à sua volta? Se o medo predominar, então não consegue ver o que realmente acontece à sua volta, porque o medo é escuridão, e na escuridão não consegue ver absolutamente nada. Se se aperceber disso, então pode ver o mundo realmente como ele é, então pode ver-se a si próprio tal como é. Porque você é o mundo, e o mundo é você; não são duas entidades separadas.

Interrogador: Poderia por favor explicar mais integralmente o que quer dizer com o mundo sou eu e eu sou o mundo?

Krishnamurti: Isto na realidade precisa de explicação? Quer que eu descreva em detalhe o que você é e lhe mostre que é o mesmo que o mundo é? Esta descrição convencê-lo-á de que você é o mundo? Ficará convencido com uma explicação lógica, sequencial mostrando-lhe a causa e o efeito? Se fica convencido pela descrição cuidadosa, isso dar-lhe-á compreensão? Fá-lo-á sentir que é o mundo, fá-lo-á sentir responsável pelo mundo? Parece tão claro que a nossa ganância, inveja, agressão e violência humanas produziram a



sociedade em que vivemos, uma aceitação legalizada do que somos. Penso que isto é na realidade suficientemente claro e não vamos perder mais tempo com esta questão. Está a ver, nós não sentimos isto, não amamos, por conseguinte existe esta divisão entre mim e o mundo.

Interrogador: Posso voltar de novo amanhã?

* * *

Voltou no dia seguinte avidamente, e nos seus olhos havia a luz prometedora da indagação.

Interrogador: Eu quero, se estiver disposto, investigar mais esta questão do como hei-de viver neste mundo. Compreendo agora, com o meu coração e a minha mente, tal como explicou ontem, a importância extrema dos ideais. Tive uma longa luta com isto e cheguei ao ponto de ver a trivialidade dos ideais. Está a dizer, não está, que quando não há ideais ou fugas, há apenas o passado, os milhares de ontens que compõem o “eu”? Portanto quando eu pergunto: “como hei-de viver neste mundo?” não só fiz uma pergunta errada mas fiz também uma afirmação contraditória, porque coloquei o mundo e o “eu” em oposição um com o outro. E esta contradição é aquilo a que chamo viver. Portanto quando faço a pergunta “Como hei-de viver neste mundo?” estou na realidade a tentar aperfeiçoar esta contradição, a justificá-la, a modificá-la, porque isso é tudo o que sei: não sei mais nada.

Krishnamurti: Esta é então a pergunta que temos agora: o viver tem que ser sempre no passado, toda a actividade tem que brotar do passado, toda a relação é o resultado do passado, viver é a complexa memória do passado? Isso é tudo o que sabemos – o passado a modificar o presente. E o futuro é a consequência deste passado actuando através do presente. Portanto o passado, o presente e o futuro são todos o passado. E este passado é o que chamamos viver. A mente é o passado, o cérebro é o

passado, os sentimentos são o passado, e a acção que destes advém é a actividade positiva do conhecido. Todo este processo é a nossa vida e toda a relação e actividade que você conhece. Portanto quando pergunta como há-de viver neste mundo está a pedir uma mudança de prisões.

Interrogador: Não me refiro a isso. O que quero dizer é: vejo claramente que o meu processo de pensar e fazer é o passado a funcionar através do presente para o futuro. Isso é tudo o que sei, e é um facto. E apercebo-me de que a menos que haja uma mudança nesta estrutura em que estou preso, eu sou dela. A partir daqui surge inevitavelmente a pergunta: como hei-de mudar?

Krishnamurti: Para viver neste mundo sensatamente tem que haver uma mudança radical da mente e do coração.

Interrogador: Sim, mas o que quer dizer com mudança? Como é que hei-de mudar se qualquer coisa que faça é o movimento do passado? Só eu posso mudar-me, mais ninguém pode mudar-me. E não vejo o que é que significa mudar.

Krishnamurti: Portanto a pergunta “Como hei-de viver neste mundo?” tornou-se agora “Como hei-de mudar?” – tendo em mente que o como não significa um método mas é uma indagação para compreender. O que é a mudança? Existe de todo alguma mudança? Ou só pode perguntar se há de todo uma mudança depois de ter havido uma mudança e uma revolução totais? Começemos de novo para descobrir o que esta palavra significa. A mudança implica um movimento de *o que é* para algo diferente. Este algo diferente é simplesmente um oposto, ou pertence a uma ordem completamente diferente? Se for meramente um oposto então não é de todo diferente, porque todos os opostos são reciprocamente dependentes, como quente e frio, alto e baixo. O oposto está contido no seu oposto e é determinado pelo seu oposto; ele só existe em comparação, e as coisas que são comparativas têm medidas diferentes da mesma qualidade, e por conseguinte são similares. Portanto a mudança para um oposto não é de toda mudança. Mesmo que este ir em direcção àquilo que parece diferente lhe dê um sensação de que realmente está a fazer alguma coisa, isso é uma ilusão.

Interrogador: Deixe-me absorver isto por um momento.

Krishnamurti: Portanto estamos interessados em quê agora? É possível produzir em nós próprios o

nascimento de uma ordem completamente nova que não esteja relacionada com o passado? O passado é irrelevante para esta indagação, e trivial, porque é irrelevante para a nova ordem.

Interrogador: Como é que pode dizer que é trivial e irrelevante? Temos estado a dizer o tempo todo que o passado é o problema, e agora diz que ele é irrelevante.

Krishnamurti: O passado parece ser o problema porque é a única coisa que ocupa as nossas mentes e corações. Ele só é importante para nós. Mas porque é que lhe damos importância? Porque é que este pequeno espaço é importantíssimo? Se estiver totalmente mergulhado nele, completamente empenhado nele, então nunca ouvirá a mudança. O homem que não está completamente empenhado é o único capaz de ouvir, indagar e perguntar. Só nessa altura é que ele será capaz de ver a trivialidade deste pequeno espaço. Portanto, está completamente mergulhado, ou tem a cabeça fora da água? Se a sua cabeça estiver fora da água então consegue ver que esta pequena coisa é trivial. Nessa altura tem espaço para olhar em volta. Quão profundamente está mergulhado? Ninguém pode responder a isto excepto você mesmo. No próprio formular desta pergunta há já libertação e, por conseguinte, não se tem medo. Nessa altura a sua visão é extensiva. Quando este padrão do passado o agarra completamente pelo pescoço, então você aquiesce, aceita, obedece, segue, acredita. Só quando está consciente de que isto não é liberdade é que começa a sair de lá para fora. Portanto estamos de novo a perguntar: o que é a mudança, o que é a revolução? A mudança não é um movimento do conhecido para o conhecido, e todas as revoluções políticas o são. Não é deste tipo de mudança que estamos a falar. Progredir de ser um pecador para ser um santo é progredir de uma ilusão para outra. Portanto agora estamos livres da mudança como movimento disto para aquilo.

Interrogador: Compreendi realmente isto? O que hei-de fazer com a ira, a violência e o medo quando surgem em mim? Dou-lhes rédea solta? Como é que hei-de lidar com eles? Tem que haver mudança aí, caso contrário sou o que era antes.

Krishnamurti: É claro para si que estas



coisas não podem ser superadas pelos seus opostos? Se assim é, você tem somente a violência, a inveja, a ira, a ganância. O sentimento surge como resultado de um desafio, e é depois denominado. Este denominar do sentimento reinstala-o no velho padrão. Se não o denominar, o que significa que não se identifica com ele, então o sentimento é novo e irá embora por si próprio. O dar-lhe um nome fortalece-o e dá-lhe uma continuidade que é todo o processo do pensamento.

Interrogador: Estou a ser posto entre a espada e a parede onde me vejo como efectivamente sou, e vejo o quanto sou trivial. A partir daí o que vem a seguir?

Krishnamurti: Qualquer movimento a partir do que sou fortalece o que sou. Portanto a mudança não é de todo um movimento. A mudança é a rejeição da mudança, e só agora posso fazer esta pergunta: existe de todo uma mudança? Esta pergunta só poder ser feita quando todo o movimento do pensamento chegou a um fim, porque o pensamento tem que ser rejeitado para que exista a beleza da não-mudança. Na total negação de todo o movimento do pensamento longe de *o que é* está o terminar de *o que é*.

J. Krishnamurti
in **A Urgência da Mudança**

(Título original: The Urgency of Change
Traduzido por Isabel Gonçalves)



HOW TO LIVE IN THIS WORLD

Questioner: Please, sir, could you tell me how I am to live in this world? I don't want to be part of it yet I have to live in it, I have to have a house and earn my own living. And my neighbours are of this world; my children play with theirs, and so one becomes a part of this ugly mess, whether one wants to or not. I want to find out how to live in this world without

escaping from it, without going into a monastery or around the world in a sailing boat. I want to educate my children differently, but first I want to know how to live surrounded by so much violence, greed, hypocrisy, competition and brutality.

Krishnamurti: Don't let's make a problem of it. When anything becomes a problem we are caught in the solution of it, and then the problem becomes a cage, a barrier to further exploration and understanding. So don't let us reduce all life to a vast and complex problem. If the question is put in order to overcome the society in which we live, or to find a substitute for that society, or to try to escape from it though living in it, it must inevitably lead to a contradictory and hypocritical life. This question also implies, doesn't it, the complete denial of ideology? If you are really enquiring you cannot start with a conclusion, and all ideologies are a conclusion. So we must begin by finding out what you mean by living.

Questioner: Please, sir, let's go step by step.

Krishnamurti: I am very glad that we can go into this step by step, patiently, with an enquiring mind and heart. Now what do you mean by living?

Questioner: I've never tried to put it into words. I'm bewildered, I don't know what to do, how to live. I've lost faith in everything - religions, philosophies and political utopias. There is war between individuals and between nations. In this permissive society everything is allowed - killing, riots, the cynical oppression of one country by another, and nobody does anything about it because interference might mean world war. I am faced with all this and I don't know what to do; I don't know how to live at all. I don't want to live in the midst of such confusion.

Krishnamurti: What is it you are asking for - a different life, or for a new life which comes about with the understanding of the old life? If you want to live a different life without understanding what has brought about this confusion, you will always be in contradiction, in conflict, in confusion. And that of course is not a new life at all. So are you asking for a new life or for a modified continuity of the old one, or to understand the old one?

Questioner: I'm not at all sure what I want but I am beginning to see what I don't want.

Krishnamurti: Is what you don't want based on your free understanding or on your pleasure and pain? Are you judging out of your revolt, or do you see the

causation of this conflict and misery, and, because you see it, reject it?

Questioner: You're asking me too many things. All I know is that I want to live a different kind of life. I don't know what it means; I don't know why I'm seeking it; and, as I said, I'm utterly bewildered by it all.

Krishnamurti: Your basic question is, isn't it, how are you to live in this world? Before you find out let us first see what this world is. The world is not only all that surrounds us, it is also our relationship to all these things and people, to ourselves, to ideas. That is, our relationship to property, to people, to concepts - in fact our relationship to the stream of events which we call life. This is the world. We see division into nationalities, into religious, economic, political, social and ethnical groups; the whole world is broken up and is as fragmented outwardly as its human beings are inwardly. In fact, this outer fragmentation is the manifestation of the human being's inner division.

Questioner: Yes, I see this fragmentation very clearly, and I am also beginning to see that the human being is responsible.

Krishnamurti: You are the human being!

Questioner: Then can I live differently from what I am myself? I'm suddenly realizing that if I am to live in a totally different way there must be a new birth in me, a new mind and heart, new eyes. And I realize also that this hasn't happened. I live the way I am, and the way I am has made life as it is. But where does one go from there?

Krishnamurti: You don't go anywhere from there! There is no going anywhere. The going, or the searching for the ideal, for what we think is better, gives us a feeling that we are progressing, that we are moving towards a better world. But this movement is no movement at all because the end has been projected out of our misery, confusion, greed and envy. So this end, which is supposed to be the opposite of what is, is really the same as what is, it is engendered by what is. Therefore it creates the conflict between what is and what should be. This is where our basic confusion and conflict arises. The end is not over there, not on the other side of the wall; the beginning and the end are here.

Questioner: Wait a minute, sir, please; I don't understand this at all. Are you telling me that the ideal of what should be is the result of not

understanding what is? Are you telling me that what should be is what is, and that this movement from what is to what should be isn't really a movement at all?

Krishnamurti: It is an idea; it is fiction. If you understand what is, what need is there for what should be?

Questioner: Is that so? I understand what is. I



understand the bestiality of war, the horror of killing, and because I understand it I have this ideal of not killing. The ideal is born out of my understanding of what is,

therefore it is not an escape. Krishnamurti: If you understand that killing is terrible do you have to have an ideal in order not to kill? Perhaps we are not clear about the word understanding. When we say we understand something, in that is implied, isn't it, that we have learnt all it has to say? We have explored it and discovered the truth or the falseness of it. This implies also, doesn't it, that this understanding is not an intellectual affair, but that one has felt it deeply in one's heart? There is understanding only when the mind and the heart are in perfect harmony. Then one says "I have understood this, and finished with it", and it no longer has the vitality to breed further conflict. Do we both give the same meaning to that word understand?

Questioner: I hadn't before, but now I see that what you are saying is true. Yet I honestly don't understand, in that way, the total disorder of the world, which, as you so rightly pointed out, is my own disorder. How can I understand it? How can I completely learn about the disorder, the entire disorder and confusion of the world, and of myself?

Krishnamurti: Do not use the word how, please.

Questioner: Why not?

Krishnamurti: The how implies that somebody is going to give you a method, a recipe, which, if you practise it, will bring about understanding. Can understanding ever come about through a method? Understanding means love and the sanity of the

mind. And love cannot be practised or taught. The sanity of the mind can only come about when there is clear perception, seeing things as they are unemotionally, not sentimentally. Neither of these two things can be taught by another, nor by a system invented by yourself or by another.

Questioner: You are too persuasive, sir, or is it perhaps that you are too logical? Are you trying to influence me to see things as you see them?

Krishnamurti: God forbid! Influence in any form is destructive of love. Propaganda to make the mind sensitive, alert, will only make it dull and insensitive. So we are in no way trying to influence you or persuade you, or make you depend. We are only pointing out, exploring together. And to explore together you must be free, both of me and of your own prejudices and fears. Otherwise you go round and round in circles. So we must go back to our original question: how am I to live in this world? To live in this world we must deny the world. By that we mean: deny the ideal, the war, the fragmentation, the competition, the envy and so on. We don't mean deny the world as a schoolboy revolts against his parents. We mean deny it because we understand it. This understanding is negation.

Questioner: I am out of my depth.

Krishnamurti: You said you do not want to live in the confusion, the dishonesty and ugliness of this world. So you deny it. But from what background do you deny it, why do you deny it? Do you deny it because you want to live a peaceful life, a life of complete security and enclosure, or do you deny it because you see what it actually is? Questioner: I think I deny it because I see around me what is taking place. Of course my prejudices and fear are all involved. So it is a mixture of what is actually taking place and my own anxiety.

Krishnamurti: Which predominates, your own anxiety or the actual seeing of what is around you? If fear predominates, then you can't see what is actually going on around you, because fear is darkness, and in darkness you can see absolutely nothing. If you realize that, then you can see the world actually as it is, then you can see yourself actually as you are. Because you are the world, and the world is you; they are not two separate entities.

Questioner: Would you please explain more fully what you mean by the world is me and I am the world?

Krishnamurti: Does this really need explaining? Do you want me to describe in detail what you are and show you that it is the same as what the world is? Will this description convince you that you are the world? Will you be convinced by a logical, sequential explanation showing you the cause and the effect? If you are convinced by careful description, will that give you understanding? Will it make you feel that you are the world, make you feel responsible for the world? It seems so clear that our human greed, envy, aggression and violence have brought about the society in which we live, a legalized acceptance of what we are. I think this is really sufficiently clear and let's not spend any more time on this issue. You see, we don't feel this, we don't love, therefore there is this division between me and the world.



Questioner: May I come back again tomorrow?

* * *

He came back the next day eagerly, and there was the bright light of enquiry in his eyes.

Questioner: I want, if you are willing, to go further into this question of how I am to live in this world. I do now understand, with my heart and my mind, as you explained yesterday, the utter importance of ideals. I had quite a long struggle with it and have come to see the triviality of ideals. You are saying, aren't you, that when there are no ideals or escapes there is only the past, the thousand yesterdays which make up the "me"? So when I ask: How am I to live in this world?" I have not only put a wrong question, but I have also made a contradictory statement, for I have placed the world and the "me" in opposition to each other. And this contradiction is what I call living. So when I ask the question, "How am I to live in this world?" I am really trying to improve this contradiction, to justify it, to modify it, because that's all I know; I don't know anything else.

Krishnamurti: This then is the question we have now: must living always be in the past, must all activity spring from the past, is all relationship the outcome of the past, is living the complex memory of the past? That is all we know - the past modifying the present. And the future is the outcome of this

past acting through the present. So the past, the present and the future are all the past. And this past is what we call living. The mind is the past, the brain is the past, the feelings are the past, and action coming from these is the positive activity of the known. This whole process is your life and all the relationship and activity that you know. So when you ask how you are to live in this world you are asking for a change of prisons.

Questioner: I don't mean that. What I mean is: I see very clearly that my process of thinking and doing is the past working through the present to the future. This is all I know, and that's a fact. And I realize that unless there is a change in this structure I am caught in it, I am of it. From this the question inevitably arises: how am I to change?

Krishnamurti: To live in this world sanely there must be a radical change of the mind and of the heart.

Questioner: Yes, but what do you mean by change? How am I to change if whatever I do is the movement of the past? I can only change myself, nobody else can change me. And I don't see what it means - to change.

Krishnamurti: So the question "How am I to live in this world?" has now become "How am I to change?" - bearing in mind that the how doesn't mean a method, but is an enquiry to understand. What is change? Is there any change at all? Or can you ask whether there is any change at all only after there has been a total change and revolution? Let's begin again to find out what this word means. Change implies a movement from what is to something different. Is this something different merely an opposite, or does it belong to a different order altogether? If it is merely an opposite then it is not different at all, because all opposites are mutually dependent, like hot and cold, high and low. The opposite is contained within, and determined by, its opposite; it exists only in comparison, and things that are comparative have different measures of the same quality, and therefore they are similar. So change to an opposite is no change at all. Even if this going towards what seems different gives you the feeling that you are really doing something, it is an illusion.

Questioner: Let me absorb this for a moment.

Krishnamurti: So what are we concerned with now? Is it possible to bring about in ourselves the birth of a new order altogether that is not related to the

past? The past is irrelevant to this enquiry, and trivial, because it is irrelevant to the new order.

Questioner: How can you say it is trivial and irrelevant? We've been saying all along that the past is the issue, and now you say it is irrelevant.

Krishnamurti: The past seems to be the only issue because it is the only thing that holds our minds and hearts. It alone is important to us. But why do we give importance to it? Why is this little space all-important? If you are totally immersed in it, utterly committed to it, then you will never listen to change. The man who is not wholly committed is the only one capable of listening, enquiring and asking. Only then will he be able to see the triviality of this little space. So, are you completely immersed, or is your head above the water? If your head is above the water then you can see that this little thing is trivial. Then you have room to look around. How deeply are you immersed? Nobody can answer this for you except yourself. In the very asking of this question there is already freedom and, therefore, one is not afraid. Then your vision is extensive. When this pattern of the past holds you completely by the throat, then you acquiesce, accept, obey, follow, believe. It is only when you are aware that this is not freedom that you are starting to climb out of it. So we are again asking: what is change, what is revolution? Change is not a movement from the known to the known, and all political revolutions are that. This kind of change is not what we are talking about. To progress from being a sinner to being a saint is to progress from one illusion to another. So now we are free of change as a movement from this to that.

Questioner: Have I really understood this? What am I to do with anger, violence and fear when they arise



in me? Am I to give them free reign? How am I to deal with them? There must be change there, otherwise I am what I was before.

Krishnamurti: Is it clear to you that these things cannot be overcome by their opposites? If so, you have only the violence, the envy, the anger, the greed. The feeling arises as the result of a challenge, and then it is named. This naming of the feeling re-establishes it in the old pattern. If you do not name it, which means you do not identify yourself with it, then the feeling is new and it will go away by itself. The naming of it strengthens it and gives it a continuity which is the whole process of thought.

Questioner: I am being driven into a corner where I see myself actually as I am, and I see how trivial I am. From there what comes next?

Krishnamurti: Any movement from what I am strengthens what I am. So change is no movement at all. Change is the denial of change, and now only can I put this question: is there a change at all? This question can be put only when all movement of thought has come to an end, for thought must be denied for the beauty of non-change. In the total negation of all movement of thought away from what is, is the ending of what is.

J. Krishnamurti
in **The Urgency of Change**



A 1ª Reunião do CIK Maia **The 1st Meeting of the KIC Maia**

Foi no dia 21 de Março! Iniciava-se a Primavera e com ela surgia uma nova etapa nos corações dos oito que nos juntámos para uma amena cavaqueira e cujo ponto fulcral era J. Krishnamurti e os seus ensinamentos!

Algo tímidos de início, como era aliás natural, foram surgindo as ideias: mais reuniões para discussão dos ensinamentos e troca de experiências pessoais em torno deles, organização e ampliação da pequena biblioteca de que o CIK já dispõe (ver a rubrica “Agradecimentos”) e da qual os participantes já fizeram uso, participação activa de todos no Boletim do CIK (o nosso primeiro Boletim parece ter causado um impacto francamente positivo!), etc., etc.

O tempo voou e foi sem dúvida insuficiente para dar voz a todas as nossas intenções!

Como organizadora desta reunião, gostaria de agradecer do fundo do coração a presença inestimável de todos, e sobretudo agradecer a boa vontade com que se dispuseram a acomodar-se na minha pequena e modesta sala de estar!

I.G.
**Centro de Informação Krishnamurti
Maia**

It took place on the 21st March! It was the beginning of spring and with this new season an also new stage took rise in the hearts of the eight persons who got together for a pleasant chat whose central point was J. Krishnamurti and his teachings!

Somewhat shy at first, which was rather natural after all, ideas started to come forth: more meetings to discuss the teachings and to exchange personal experiences related to them, organizing and enlarging the small library the KIC already had (see the article “Thanks”) and of which KIC participants have already made use, active participation of everyone in the KIC Bulletin (our first Bulletin seems to have caused quite a positive impact!), etc., etc.

Time flew and it was definitely not enough to voice all our intentions!

As the organizer of this meeting I would like to thank, from the bottom of my heart, the invaluable presence of all and specially to thank you all for having so kindly and most willingly managed to accommodate yourselves in my small, modest living-room!

I.G.
**Krishnamurti Information Centre
Maia**

Se houvesse pelo menos um homem que tivesse sido libertado, isso seria suficiente...

J. Krishnamurti

(no discurso proferido em 1929 aquando da dissolução da Ordem da Estrela)

If there were even one man who had been set free, that were enough....

J. Krishnamurti

(in the speech proffered in 1929 when dissolving the Order of the Star)



A Roseira

Há uma roseira num dos lados da porta de entrada do local onde trabalho. Sempre que posso saio um pouco e descanso os olhos na roseira. Ao olhar para ela apercebi-me de um jovem gafanhoto que ali estava, verde-claro e ainda em fase de crescimento. O gafanhoto continua lá há já mais de uma semana; desloca-se de ramo em ramo à medida que vai comendo as folhas tenras da roseira.

Lado a lado, numa rosa, está uma lagarta bem pequena, verde também, que se alimenta das pétalas. Por vezes uma jovem lagartixa aproveita o sol e permanece, muito quieta, num tronco largo da roseira próximo do solo. De vez em quando, um par de abelhas aproxima-se das rosas tocando-as suavemente enquanto voam e uma borboleta branca dança também em redor da roseira.

Estas palavras, tão simples e talvez tão pueris, são a descrição de um momento de observação em que me apercebi o quão erradamente nós, seres humanos, olhamos para a vida e o quão erradamente a vivemos!

O gafanhoto, a lagarta, a lagartixa, as abelhas e a borboleta vivem as suas vidas tranquilamente, naturalmente, espontaneamente, e embora todos façam parte de um todo, não interferem uns com os outros de outro modo que não seja o de partilhar pacificamente o que existe.

Mas nós, seres humanos, nunca temos o suficiente, nunca estamos satisfeitos com as nossas cercanias, com a nossa parte do todo; queremos sempre mais. Lutamos por território, lutamos por bens, lutamos por coisas gasosas e efémeras como ideias, opiniões,

teorias e palavras... e quanto mais lutamos por coisas insignificantes, ridículas e absurdas, mais nos afastamos do âmago da vida, da felicidade, da liberdade e da paz...

Embora o vento balance a roseira e embora o orvalho da manhã insista em arranjar lugar sobre as folhas e sobre as flores, aquelas pequenas criaturas prosseguem com as suas vidas e continuam a não interferir, continuam a não desequilibrar o seu meio.

Mas nós, seres humanos, falamos de cooperação e de fraternidade embora a intenção oculta sob essas palavras seja obter mais espaço, mais coisas, mais tralhas para chamar nossas. Não vivemos de modo inócuo, natural, espontâneo, desfrutando do que a vida tão generosamente nos oferece; pelo contrário, continuamos a tentar, em todos os momentos, conquistar para nós próprios aquilo que, intrinsecamente, não tem dono!

É preciso inteligência para viver uma vida simples – costumava dizer K. E nós, seres humanos, tão fúteis e tão convencidos da nossa dita inteligência, somos muito inferiores àquelas pequenas criaturas que vivem na roseira! Que vergonha! Que vergonha!

I.G.

The Rose-plant

There is a rose-plant at one side of the entrance door where I work. Whenever I get the chance I go out and let my eyes rest on that rose-plant. While looking at it I realized there was a young grasshopper there, light-green and still not fully grown up. The grasshopper is there now for more

than a week; it moves around from branch to branch as it eats the tender leaves of the rose-plant.

Side by side, on a rose flower, there is a very small worm, also green, and it feeds from the rose petals. Sometimes, a young lizard profits from the sun and stays, very still, along a thick branch near the ground. Now and then, a couple of bees approach the roses and touch them gently while flying and a white butterfly also dances around the rose-plant.

These words, so simple and perhaps so childish, are the description of a moment of observation where I realized how wrong we, human beings, are looking at life and how wrong we live it!

The grasshopper, the worm, the lizard, the bees and the butterfly live their lives quietly, naturally, spontaneously, and though they all are part of a whole, they do not interfere with each other in any other way except sharing peacefully what there is.

But we, human beings, we never have enough, we are never satisfied with our surroundings, with our share of the whole; we always want more. We fight over territory, we fight over property, we fight over gaseous and ephemeral things like ideas, opinions,

theories and words... and the more we fight over ridiculous and absurd meaningless things, the farther we get from the core of life, from happiness, from freedom and from peace...

Though the wind makes the rose-plant swing and though the morning dew insists on getting some room on the flowers and on the leaves, those little creatures go on with their lives and still not interfere, they still not unbalance their environment.

But we, human beings, we talk about cooperation and brotherhood while the intention hidden behind those words is getting more room, more things, more stuff to call ours. We do not live harmlessly, naturally, spontaneously, enjoying what life so generously gives us; on the contrary, we keep trying at every moment to conquer for ourselves that which, intrinsically, has no owner!

It takes intelligence to live a simple life – K used to say. And we, human beings, so vain and so convinced of our so-called intelligence, are much less than those small creatures living on the rose-plant! Shame on us, shame on us!

I.G.



Agradecimentos

A ideia de formar este Centro de Informação, tendo amadurecido durante largo tempo, concretizou-se finalmente em Novembro de 2008 e, desde então, a ajuda e a cooperação começaram a surgir de todos os lados!

Gostaríamos, pois, de agradecer profundamente à Krishnamurti Foundation Trust, em Brockwood, por toda a colaboração prestada a nível de informação e por todo o material que nos enviou (livros, DVD's, etc.) e que se tem revelado de tanto préstimo!

À Instituição Cultural Krishnamurti do Brasil agradecemos a motivação, o apoio, o incentivo com que sempre nos presentearam e agradecemos também o facto de terem publicado no seu site o nosso primeiro Boletim!

Agradecemos também à Editora Dinalivro, de Lisboa, que tão altruisticamente presenteou a nossa pequena biblioteca com livros de Krishnamurti por ela editados!

Também ao Núcleo Cultural Krishnamurti de Évora o nosso imenso e veemente obrigado pelo material que nos ofertou, engrandecendo significativamente a nossa biblioteca!

Ao Javier Gómez Rodriguez, membro administrativo da revista The Link, o nosso mais sincero obrigada pelas amáveis palavras de estímulo que nos dirigiu!

E por fim, mas não de somenos importância, agradecemos aos nossos participantes Maria Beatriz Botelho do Porto e Diamantino Oliveira de Lisboa, o facto de terem engrossado com um livro cada um a biblioteca do CIK!

A todos está o Centro de Informação Krishnamurti da Maia infinitamente grato!

I.G.

Thanks

The idea of creating this Information Centre, having matured for a long time, has finally materialized in November 2008 and since then help and cooperation have been springing from everywhere!

So, we would like to deeply thank the Krishnamurti Foundation Trust in Brockwood for all the assistance provided at information level and also for all the material offered to us (book, DVD's, etc.) which has proved to be so useful!

We heartily thank the Instituição Cultural Krishnamurti do Brasil, in Rio de Janeiro, Brazil, for the motivation, the support and the incentive they always have offered us and also for having published our first Bulletin on their site!

We also thank Editora Dinalivro, a Publisher in Lisbon, who so altruistically offered some

Krishnamurti books published by them as a gift to our small library!

Our most sincere thanks to Javier Gómez Rodriguez, administrative member of The Link, for the kind and stimulating words he addressed us!

We also extend our immense gratitude to the Núcleo Cultural Krishnamurti in Évora for the material offered which significantly enlarged the library of CIK Maia!

Last but not least, we thank our participants Maria Beatriz Botelho from Porto and Diamantino Oliveira from Lisbon, who have added one book each to our library!

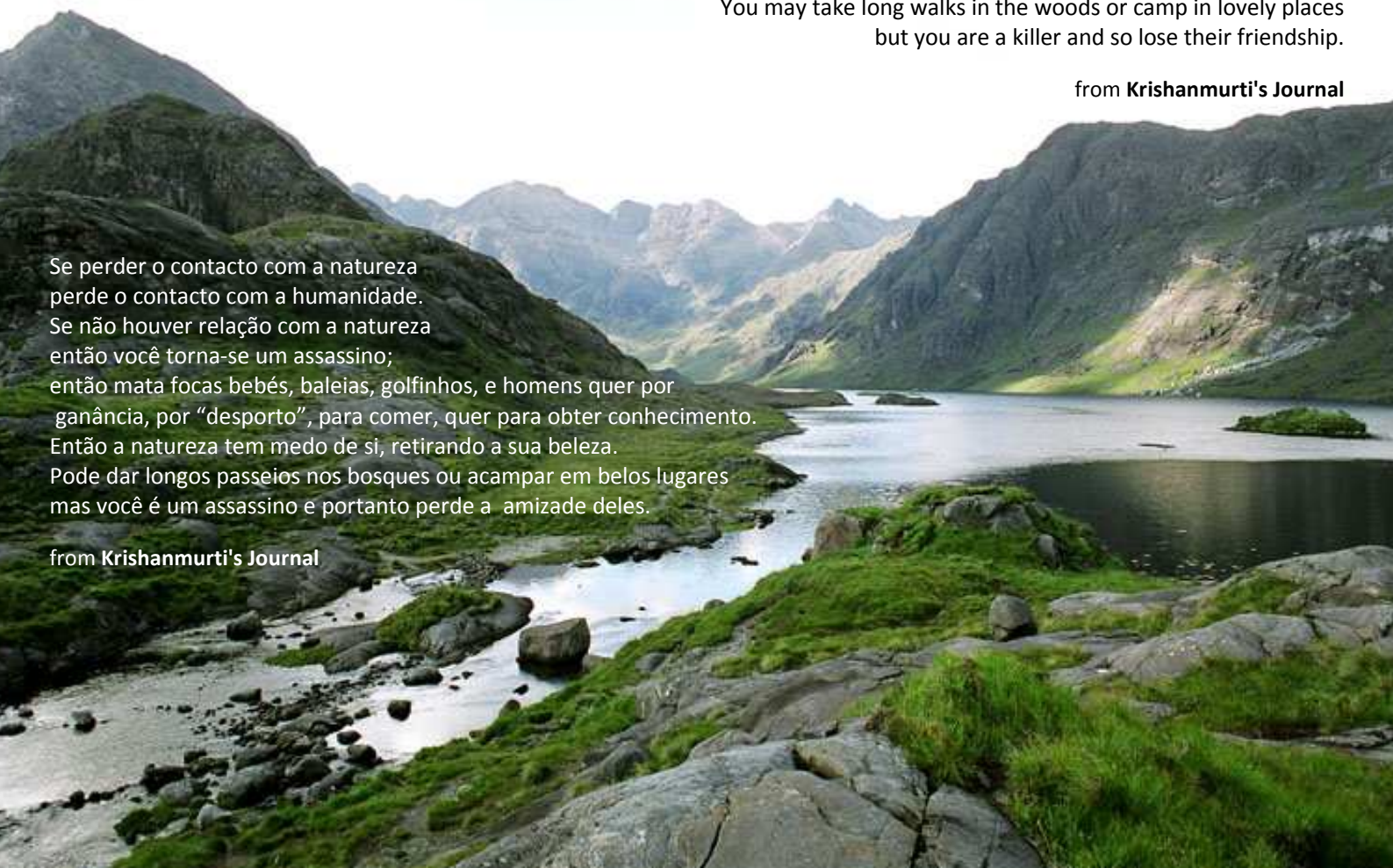
Krishnamurti Information Centre in Maia is profoundly grateful to all of you!

I.G.



If you lose touch with nature you lose touch with humanity.
If there's no relationship with nature then you become a killer;
then you kill baby seals, whales, dolphins, and man
either for gain, for "sport," for food, or for knowledge.
Then nature is frightened of you, withdrawing its beauty.
You may take long walks in the woods or camp in lovely places
but you are a killer and so lose their friendship.

from **Krishnamurti's Journal**



Se perder o contacto com a natureza
perde o contacto com a humanidade.
Se não houver relação com a natureza
então você torna-se um assassino;
então mata focas bebés, baleias, golfinhos, e homens quer por
ganância, por "desporto", para comer, quer para obter conhecimento.
Então a natureza tem medo de si, retirando a sua beleza.
Pode dar longos passeios nos bosques ou acampar em belos lugares
mas você é um assassino e portanto perde a amizade deles.

from **Krishnamurti's Journal**

Momentos vivos e pulsantes
Estes, em que o infinito é abrangido
Sem esforço e sem vontade...
Indefiníveis instantes
Não tocados pela ânsia ou desejo,
Que solidão mais plena...
Que silêncio, que paz, confortantes...
E em tudo o que não digo
Subsiste, perene, uma verdade...
Assim é como me vejo:
Uma brisa suave e amena
Em renovações céleres e constantes,
Encontrando o que há tanto foi perdido...
E nesta eterna infinidade
Reconstruída, com ensejo,
Em movimentos incessantes,
Sou o próprio momento, inequívoco,
Dessa indescritível imensidade!

I.G.

Living, pulsing moments
These, where infinity is embraced
With no effort or will...
Indefinable instants
Not touched by craving or desire...
Moments of loneliness that is not such,
Eternities of a new silence beyond silence...
A continuous revival of an ancient, perennial fire...
And in everything I do not say
Abides, immaculate, an undisputed truth...
Looking at myself then
I see a gentle and mild breeze
In a constant and swift renewal,
Finding, at a glance,
What for so long had been lost...
And in an eternal immensity,
Creating itself at each new moment,
I am, unmistakably, part of an endless movement
Dancing forever an always new dance...

I.G.

Centro de Informação KRISHNAMURTI

Maia

Rua dos Altos, 40 – 2º - H. 16
4470-235 Maia

Telem.: 964837408
E-mail: isacondel@netcabo.pt